



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Ciência para que(m)? A (in)acessibilidade em Libras no ensino de Química/Ciências para estudantes surdos em museus.

Frankinaldo Pereira Lima (PG)*, Marcelo Leandro Eichler (PQ). E-mail: <frankinaldo.lima@ufrgs.br>.

Palavras-Chave: Acessibilidade; Ensino de Química; Língua de Sinais.

Área Temática: Diversidade, Inclusão, Saberes e Culturas

Resumo: Este trabalho discute o letramento científico-visual no ensino de Química/Ciências com/para estudantes surdos, analisando estratégias e possibilidades em contextos bilíngues. O objetivo é investigar o processo de ensino-aprendizagem de surdos em uma escola pública bilíngue (Libras-Português) em Porto Alegre/RS, com foco nas experiências visuais desses estudantes. A pesquisa teórica busca identificar propostas sobre a Educação de Surdos no ensino de Química/Ciências, considerando as especificidades linguísticas, culturais e visuais. A metodologia foi qualitativa, exploratória, com observação participante, utilizando o diário de campo para coleta de dados, em interação com dois professores de Ciências da Natureza fluentes em Libras. Apresenta-se aqui o recorte da temática *Ensino de Ciências/Química fora da sala de aula: aprendizagem de estudantes surdos e a (in)acessibilidade em Libras no MCT*, com dados analisados pela Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2016). Os resultados ajudam a compreender os desafios na aprendizagem de Ciências/Química para surdos, especialmente em espaços não escolares, como museus. A comunicação se mostra um obstáculo significativo nesses espaços, dificultando o acesso dos surdos à alfabetização científica. Os achados indicam que é preciso ir além da tradução/interpretação ou adaptação de materiais em Libras, identificando barreiras epistemológicas ao conhecimento científico na educação de surdos.

INTRODUÇÃO

Parte-se do pressuposto socioantropológico de que o ser surdo é constituído por experiências visuais, sendo a comunicação visual: “ouve-se” com os olhos e “fala-se” com as mãos. Ou seja, os olhos captam o que está sendo produzindo no espaço pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial do emissor. Assim, inicia-se a atribuição de significado e a percepção do sinal, revelando uma forma singular de vivenciar a realidade, intrinsecamente ligada à língua, à identidade e à cultura surda (Gesser, 2009; Skliar, 2016).

Por outro lado, questiona-se a hegemonia do modelo clínico, que transforma diferenças em deficiências e ignora a riqueza cultural e linguística da comunidade surda. A proposta é desconstruir essa visão patologizante e/ou discurso ouvintista, que historicamente trata o surdo como um problema a ser corrigido (Skliar, 2016).

Nesse sentido, Quadros e Schmiedt (2006, p. 26) afirmam que:

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^º EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

A língua de sinais é uma língua espacial-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito.

A partir do reconhecimento da língua de sinais como sistema linguístico autêntico, torna-se essencial compreender a cultura surda na construção da identidade da comunidade surda (Strobel, 2023). A Libras é uma língua com cultura própria, o que reforça sua importância na construção da identidade surda.

Entretanto, o preconceito sobre o sujeito surdo é causado pelo desconhecimento de sua identidade e cultura. Frequentemente, indivíduos surdos são confundidos com “deficientes”, “anormais” e “incapazes”, além de deslegitimar a língua, ou seja, não a reconhecem como uma língua. Essa visão dificulta a interação e a comunicação com/entre surdos e ouvintes, impactando a vida social e, sobretudo, o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo surdo. Trata-se, portanto, de um imaginário coletivo equivocado e utópico, que precisa ser desconstruído por meio da valorização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e do reconhecimento da comunidade surda (Gesser, 2009; Skliar, 2016).

APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES SURDOS EM QUÍMICA/CIÊNCIAS ESCOLAR

Conforme destacam Pereira e Reis (2024), na concepção voltada à educação de surdos no ensino de Química/Ciências, a visualidade torna-se um elemento essencial, por se constituir como o principal canal de comunicação desses estudantes. Essa comunicação visual está conectada ao processo de ensino e aprendizagem dos surdos, permitindo a aquisição dos conhecimentos escolares, a compreensão crítica do mundo e a atribuição de significados. No entanto, a falta de acessibilidade e de metodologias adequadas compromete o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos surdos (Chalhub; Gomes, 2018). Por isso, é vital uma abordagem pedagógica bilíngue que valorize a sua própria língua, a Libras, e que contemple plenamente as especificidades da experiência surda (Skliar, 2016).

Nessa direção, como apontam Quadros e Schimiedt (2006), essa perspectiva colabora para a produção de novos recursos pedagógicos que dialoguem com formas de aprendizado e comunicação distintas. No caso dos discentes surdos, essa contribuição se traduz na valorização de estratégias que respeitem essas interações como pilares do processo educativo, construído a partir de uma compreensão aprofundada das particularidades desse público, indo além da mera mediação ou transposição de conteúdos, ou seja, dos objetos

APOIO

**Sociedade Brasileira de
Ensino de Química**





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

de conhecimento, por meio de práticas concretas e contextualizadas que promovem o engajamento dos estudantes surdos (Chalhub; Gomes, 2018).

Sob esse prisma, a educação Química faz uma reflexão crítica sobre como a Química é ensinada e aprendida, não se limitando apenas ao ato de ensinar o componente curricular/disciplina (Chassot, 2001). Transformar a educação por meio da Química, portanto, possibilita que estudantes se tornem protagonistas na construção do seu próprio aprendizado (Chassot, 2001). Chassot (1995, p. 41) ressalta que é vital que o ensino desenvolva no estudante a capacidade de “ver a Química que ocorre nas múltiplas situações reais, que se apresentam modificadas a cada momento”. Isso significa uma docência de Química que empodere todos os estudantes, incluindo os surdos a conectar a ciência com a realidade e a usá-la no sentido de entender e transformar o mundo (Saldanha, 2011).

Ainda no que se refere ao método de ensino-aprendizagem de discentes surdos no ensino (de Química), distingue-se daquele destinado aos estudantes ouvintes. É fundamental que os educadores (re)pensem suas práticas docentes sobre os estudantes surdos, criando recursos didáticos visuais e estratégias bilíngues (Libras-Português escrito) que foquem numa aprendizagem significativa e acessível desses sujeitos (Chalhub; Gomes, 2018; Pereira; Reis, 2024).

Como reforçam Saldanha (2011) e Gesser (2009), diversos obstáculos dificultam o ensino e aprendizagem dos estudantes surdos em Química. Entre esses desafios, enfatizam-se as aulas ministradas (quase) exclusivamente de forma verbal ou oralizada em escolas ditas como inclusivas, o que exige a constante mediação de um intérprete de Libras. Soma-se a isso a falta de formação continuada específica e as estratégias de aula que, muitas vezes, são mal planejadas e não atendem às especificidades dos surdos. Além disso, destaca-se o alto grau de abstração dos conceitos científicos que representam os aspectos microscópicos da matéria.

O papel do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS) também é fundamental nesse contexto. Como explicam Sousa e Silveira (2011), sua atuação na mediação dos objetos de conhecimento/conteúdos abordados em sala de aula ou em outros ambientes públicos voltados aos estudantes surdos é essencial, mas, por si só, não é suficiente. Para garantir o sucesso do ensino e da aprendizagem em diferentes áreas de conhecimento, especialmente no ensino de Química/Ciências, é necessário que o TILS vá além da mediação linguística, colaborando na elaboração de recursos didáticos e/ou na criação de sinais-termo, em conjunto com os estudantes e o professor regente, considerando as singularidades linguísticas e culturais dos surdos (Pereira; Reis, 2024).

Dessa maneira, como enfatizam Gesser (2009) e Sousa e Silveira (2011), a acessibilidade não se limita apenas aos materiais didáticos, mas

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química



também à formação complementar específica, tanto para os professores quanto para os TILS na área de Ciências da Natureza, assegurando uma interpretação plena dos conhecimentos científicos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com delineamento metodológico de Estudo de Caso (Gray, 2012), visando investigar a atuação de uma escola da rede pública estadual de tempo integral, localizada em Porto Alegre/RS. Nessa instituição, a educação bilíngue de surdos (Libras-Português) é uma de suas marcas identitárias, sendo a Libras usada como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2).

Este recorte metodológico destaca três estratégias de análise: documental, empírica e discursiva. Tais abordagens baseiam-se na observação participante de dois professores de Ciências da Natureza fluentes em Libras e de estudantes surdos de Ensino Médio, com foco no ensino de Química/Ciências no contexto bilíngue de surdos. As descrições densas no diário de campo e a imersão dual no campo (cultural e linguístico da Libras) resultaram no registro de interações (dos sujeitos da pesquisa) importantes e na produção de reflexões fundamentais ajustando a visão do pesquisador sobre o fenômeno estudado.

A análise dos dados foi realizada à luz da Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposto por Moraes e Galiazzi (2016). O processo de desenvolvimento da interpretação textual e análise dos dados percorreu três etapas: i) unitarização: a desconstrução ou desintegração dos textos do *corpus* (divididos em partes menores/unidades de significado); ii) categorização: o estabelecimento das relações entre as unidades de significado (agrupadas conforme suas semelhanças); e iii) produção de metatexto: voltado à captação do novo emergente da análise (novo texto que interpreta os dados).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização dos dados demonstra que os resultados parciais apresentados correspondem a um recorte do diário de campo (ou de pesquisa), detalhando o registro transcrito de uma experiência imersiva. Essa experiência ocorreu numa escola bilíngue de surdos, durante uma aula de campo no Museu de Ciências e Tecnologia (MCT), em Porto Alegre/RS. Com base nisso, delineou-se a seguinte temática: *Ensino de Ciências/Química fora da sala de aula: aprendizagem de estudantes surdos e a (in)acessibilidade em Libras no MCT*. Para a análise desses dados, os resultados foram organizados a partir das três



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

etapas na Análise Textual Discursiva (ATD), conforme descrito na metodologia (Moraes; Galianzi, 2016).

A primeira fase, a unitarização (**U1, U2, U3...**), consistiu em selecionar trechos que tivessem relação com a questão investigativa e que se mostrassem significativos no discurso dos sujeitos, ou seja, fragmentos que expressassem ideias relevantes para o objetivo da pesquisa, como apresentado no Quadro 1. Em seguida, a segunda fase, a categorização (**C1, C2, C3...**), correspondeu ao reagrupamento das unidades de significado por semelhança, criando as categorias emergentes, isto é, aquelas que surgiram no decorrer da análise, respeitando a natureza dos dados, conforme mostrado no Quadro 2. Por fim, a terceira fase envolveu a produção do metatexto, momento em que os sentidos foram reconstruídos a partir das categorias, relacionando-os com a literatura, em outras palavras, elaborando uma interpretação articulada das categorias em diálogo com a fundamentação teórica (Moraes; Galianzi, 2016).

A seguir, foram detalhados os processos de construção da unitarização do *corpus*, as categorias e a interpretação dos resultados.

Quadro 1: Unitarização do *corpus*

Nº	Unidade de significado extraída do texto/diário de campo
U1	Contextualização da aula de campo: a aula de campo foi realizada em 15 de abril de 2025 e contou com a participação de 45 pessoas, entre professores e estudantes surdos da Escola Bilíngue (Libras-Português), envolvendo toda a comunidade escolar. A atividade foi organizada com a orientação dos professores, especialmente da área de Ciências da Natureza, e foi direcionada para o Museu de Ciências e Tecnologia (MCT).
U2	Barreiras linguísticas no acesso ao conhecimento científico: a ausência de intérpretes de Libras, a falta de vídeos/janelas em Língua de Sinais (LS) e a atuação de monitores/funcionários ‘ouvintes’ sem conhecimento em Libras comprometeram a mediação plena dos conceitos científicos apresentados pelo museu aos estudantes surdos.
U3	Papel dos professores surdos e ouvintes como mediadores da comunicação em Língua de Sinais: destaca-se a necessidade da atuação pedagógica constante e direta dos docentes da escola para conduzir, traduzir, interpretar e explicar os objetos de conhecimento/conteúdos em Ciências/Química, compensando a carência de instrutores/profissionais de apoio no Museu de Ciências e Tecnologia (MCT).
U4	Engajamento prático dos estudantes em experimentos científicos: os estudantes surdos participaram (ativamente) de atividades que os

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

	colocaram no centro da ação/experiência, como pedalar bicicleta para gerar energia, manipular amostras no microscópio, explorar modelos do corpo humano interativo, além de utilizar do gerador eletrostático e do giroscópio humano. Essas experiências favoreceram a aprendizagem concreta/prática do conhecimento científico, despertando engajamento e estimulando a construção do conhecimento em Ciências/Química.
U5	Reflexões críticas sobre democratização do conhecimento científico: percebe-se que, embora o museu possua infraestrutura tecnológica para divulgação científica, a ausência de recursos linguísticos em Libras limita a autonomia investigativa dos surdos no processo de construção do conhecimento em Ciências/Química. Tal cenário reforça a urgência de políticas públicas que garantam a acessibilidade linguística de forma equitativa em contextos educativos não formais, como museus de Ciências.

Após a unitarização, as unidades de significado foram agrupadas por semelhança, originando categorias emergentes que refletiram os principais sentidos construídos ao longo da análise. Cada categoria foi composta por unidades associadas e interpretada a partir do campo em que foi enunciada, respeitando a natureza do *corpus*. A categorização resultou em duas categorias principais: **C1**: Acessibilidade e mediação linguística no ensino de Ciências/Química e **C2**: Experiência pedagógica e engajamento dos estudantes surdos em Ciências/Química. O Quadro 2 apresenta as categorias formuladas, as unidades correspondentes e os sentidos construídos com base nos dados analisados.

Quadro 2: Categorização emergente

Categoria	Unidades associadas	Sentido construído
C1 – Acessibilidade e Mediação Linguística no Ensino de Ciências/Química.	U2, U3	Esta categoria agrupa as unidades que expõem as barreiras comunicacionais e as estratégias compensatórias adotadas pelos professores para viabilizar o acesso aos objetos de conhecimento/conteúdos de Ciências/Química ou conhecimento científico. Demonstra como a falta da presença insuficiente de monitores/mediadores qualificados (U2) recaem sobre os docentes surdos e ouvintes (U3).

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

C2 – Experiência Pedagógica e Engajamento dos Estudantes surdos em Ciências/Química.	U1, U4, U5	Esta categoria reúne as unidades relacionadas ao planejamento interdisciplinar da atividade, às dificuldades institucionais e ao impacto dos experimentos práticos sobre o engajamento dos estudantes. Destaca-se a contextualização da aula de campo (U1) e as experiências de aprendizagem concreta/prática (U4), que culminam em reflexões críticas acerca da democratização do conhecimento científico voltado à comunidade surda (U5).
---	------------	---

A análise discursiva do relato da aula de campo no Museu de Ciências e Tecnologia (MCT), focada na pesquisa sobre educação de surdos no ensino de Ciências/Química, corrobora duas categorias centrais **C1** e **C2**. Tais aspectos emergem das dez unidades de significação que mapeiam desde a contextualização e planejamento da aula de campo até as reflexões críticas sobre a inclusão linguística e acessibilidade dos estudantes surdos (Chalhub; Gomes, 2018).

A primeira categoria **C1**, no que concerne à acessibilidade, aponta que o museu apresentava infraestrutura tecnológica capaz de ilustrar fenômenos de Ciências/Química (painéis interativos, audiodescrição, maquetes detalhadas), mas deixava lacunas significativas quanto à comunicação em Libras (U6) (Saldanha, 2011). A ausência de vídeos sinalizados/janelas em Libras e de intérpretes formalmente contratados (U2) levou professores surdos e ouvintes fluentes em Libras a assumirem o papel de mediadores ao longo de toda a atividade, atuando na tradução/interpretação e contextualização do conhecimento científico apresentado (U3). Assim, o canal visual-linguístico, articulado ao ensino bilíngue, mostrou-se condição essencial para a aprendizagem de sujeitos surdos, pois, sem mediação adequada, o discurso científico sobre Ciências/Química se cristaliza como (in)acessível (Gesser, 2009; Skliar, 2016).

Chalhub e Gomes (2018) também ressaltam que a Figura 1 corrobora a existência de potenciais visuais e linguísticos que contribuem significativamente para aprimorar o processo de aprendizagem e ensino em Ciências/Química com/sobre/para estudantes surdos, tais como a Língua de Sinais (LS), a visualidade, a concretização e a contextualização. A ilustração integra tanto aspectos da acessibilidade comunicacional quanto da experiência pedagógica de estudantes surdos em espaços museais de Ciências.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química



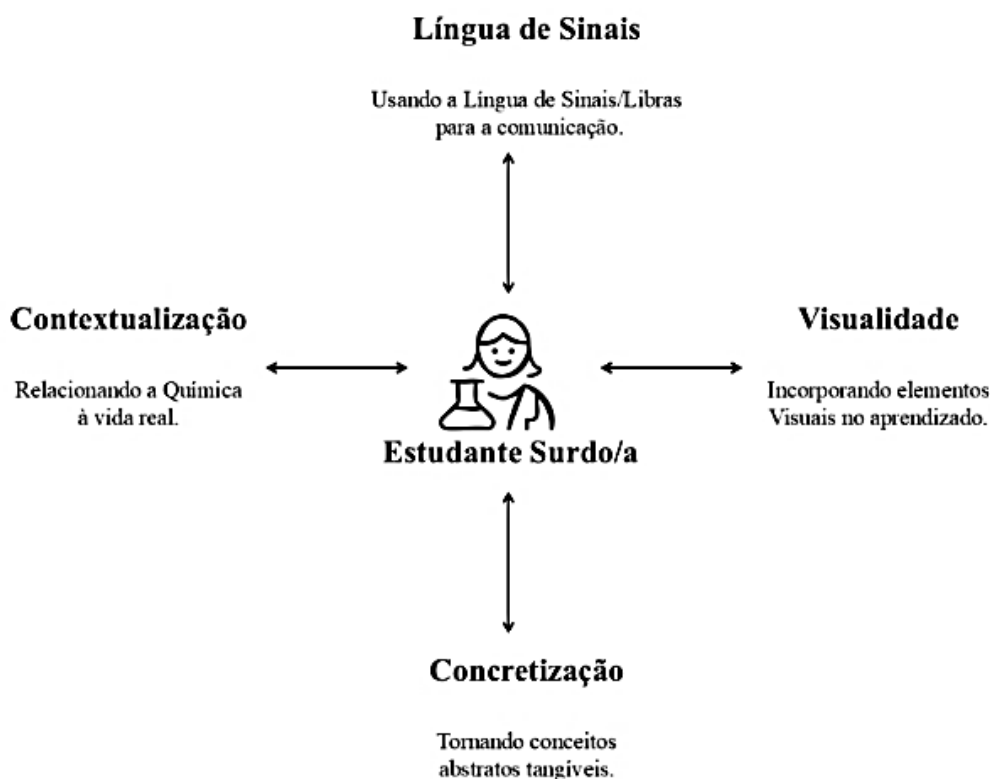


Figura 1 – Representação do processo de aprendizagem-ensino em Ciências/Química

A combinação da mediação em Libras, do uso de canais adaptados (visuais, não auditivos) e da experimentação concreta constitui um caminho para romper as barreiras comunicacionais. Tal articulação representa um tensionamento importante na busca por uma educação científica acessível, especialmente em espaços educativos não formais, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa. Nesse sentido, a educação de surdos requer uma abordagem que valorize contexto, a cultura e a língua(gem) (Chassot, 1995; Pereira; Reis, 2024).

Na segunda categoria **C2**, a experiência pedagógica da aula de campo, realizada em 15 de abril de 2025 (U1), revelou que, na prática, as atividades práticas de pedalar bicicleta para gerar energia, manusear lâminas em microscópio, explorar o corpo humano interativo, além de participar do gerador eletrostático e do giroscópio humano, geraram alto engajamento (U4) e favoreceram a compreensão de fenômenos científicos de forma prática (Chassot, 2001).

Desse modo, foram propostas situações de aprendizagem que priorizavam a visualidade, a experimentação e a contextualização dos conteúdos



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

científicos. Por meio dessas experiências, os estudantes passaram a articular os saberes trabalhados em sala de aula, atribuindo-lhes maior concretude e aplicações observáveis, contribuindo para o desenvolvimento da alfabetização científica. As reflexões geradas por essas atividades ressaltaram a lacuna entre a existência de infraestrutura de divulgação e a efetiva democratização do conhecimento científico: embora os recursos do (MCT) fossem robustos, a falta de acessibilidade ou a comunicação em Libras tornou a autonomia investigativa dos surdos limitada (U5) (Saldanha, 2011; Skliar, 2016).

Chassot (2001) aponta que o desafio de garantir o acesso equitativo ao conhecimento químico e/ou científicos para estudantes surdos em espaços não formais, como museus de Ciências, conforme também defendem Quadros e Schmiedt (2006), especialmente no caso de sujeitos surdos, por meio de recursos tanto de natureza visual quanto física e com mediação bilíngue (Libras-Português), depende de ações políticas concretas que ultrapassem o campo do discurso e valorizem a Libras como língua de instrução, contribuindo para a popularização das Ciências nesses espaços. É preciso, então, pensar numa educação com surdos de forma mútua (Skliar, 2016).

Strobel (2023) defende que a valorização de políticas públicas linguísticas constitui a base para o investimento necessário na capacitação permanente de monitores/instrutores e na adaptação dos recursos, como os laboratórios didáticos, de modo a oportunizar a acessibilidade em Língua de Sinais (LS) e possibilitar a comunicação do conhecimento científico de forma visual e linguístico-cultural para os estudantes surdos (Saldanha, 2011).

Portanto, os resultados apresentados neste recorte podem contribuir para a construção de uma base sólida e abrangente para (re)pensar o fenômeno investigado. Revelam que os espaços físicos de Ciência, como museus, por si só não garantem acessibilidade, sendo indispensável uma mediação/comunicação em Libras qualificada, além de uma política institucional comprometida com a inclusão linguística, para que o acesso ao conhecimento científico seja, de fato, pleno às pessoas surdas (Pereira; Reis, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, levando-se em conta os resultados alcançados até aqui, por meio da observação participante, aponta-se que a inclusão plena de estudantes surdos em aulas de campo, sobretudo em museus de Ciências, mesmo quando essas atividades são organizadas por escolas bilíngues que utilizam duas línguas (Libras e Português escrito), ainda representa um desafio significativo.

É pertinente identificar fissuras pedagógicas, discutir e repensar sobre como tornar essas experiências realmente acessíveis para esses estudantes, visando à alfabetização científica. Visto que a comunicação é o principal

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^ª EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

obstáculo enfrentado por esse público, comprometendo a articulação entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário debater os desafios que emergem dessa realidade e buscar alternativas concretas voltadas para a acessibilidade dos estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

- CHALHUB, T.; GOMES, M. MUSEUS COMO ATIVIDADE EDUCATIVA: o que pensam os alunos surdos sobre acessibilidade? **Tendências Da Pesquisa Brasileira Em Ciência Da Informação**, v. 11, nº 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/468>. Acesso em: 10 julho 2025.
- CHASSOT, A. I. **Catalisando transformações na educação**. 3^a ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1995. 178 p.
- CHASSOT, A. I. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 2^a ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001. 368 p.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2^a ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 3^a ed. rev. e ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. 264 p. ISBN 978-85-419-0217-5.
- QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006, 120 p.
- SALDANHA, J. C. **O ensino de química em Língua Brasileira de Sinais**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Duque de Caxias, 2011. Disponível em: <https://tede.unigranrio.edu.br/handle/tede/303>. Acesso em: 15 agosto 2025.
- SOUSA, S. F.; SILVEIRA, H. E. Terminologias químicas em Libras: a utilização de sinais na aprendizagem de alunos surdos. **Química Nova na Escola**, 2011, p. 37-46. Disponível em: https://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc33_1/06-PE6709.pdf. Acesso em: 2 agosto 2025.
- SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. 192 p.
- STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4^a ed. 2^a reimpr. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023, 146 p.
- PEREIRA, K.; REIS, I. F. Diálogos entre Cultura, Educação de Surdos e Ensino de Ciências da Natureza. **Educação**, 49(1), e6/1–27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644470229>. Acesso em: 23 julho 2025.